

**TECNOLOGIAS DO INVISÍVEL: O USO DO CORPO E DOS SENTIDOS NA COMUNICAÇÃO RITUAL DOS XERENTE**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-265>

**Data de submissão:** 17/11/2024

**Data de publicação:** 17/12/2024

**Leonardo Sampaio Baleiro Santana**  
Mestre em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Neila Barbosa Osório**  
Pós-Doutora em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Eliana Zellmer Poerschke Farencena**  
Doutoranda em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Leda Santana de Oliveira Noleto**  
Doutoranda em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Leila Cardoso Machado**  
Mestre em Linguística Aplicada  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Adriana da Costa Pereira Aguiar**  
Mestre em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Elizângela Fernandes Pereira Evangelista**  
Mestre em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Luciana Pegoraro Penteado Gândara**  
Mestrando em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Roseany Calazans Lameira da Silva**  
Mestranda em Educação  
Universidade Federal do Tocantins

**Antonia Raquel Lima Camargo Zottos**  
Especialista em Trabalho Social com Família  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

## RESUMO

Este trabalho analisa as práticas rituais dos Xerente, com foco no uso do corpo e dos sentidos como instrumentos de comunicação invisível em contextos de celebração e cura. Com uma abordagem qualitativa e bibliográfica, o estudo investigou como a corporeidade e os sentidos funcionam como tecnologias ancestrais capazes de traduzir e perpetuar saberes e cosmologias. A pesquisa revelou que elementos como as pinturas corporais, os gestos ritualísticos e os estímulos sensoriais (visuais, auditivos, táticos e olfativos) desempenham um papel central na conexão com dimensões cosmológicas e na reafirmação da identidade cultural. Além disso, destacou-se a importância dessas práticas para a resistência cultural e o fortalecimento da memória coletiva. Os resultados apresentados para uma compreensão mais profunda das inter-relações entre corpos, sentidos e práticas culturais, promovendo reflexões tanto para a academia quanto para a sociedade. Apesar das limitações metodológicas, o trabalho aponta caminhos para futuras investigações etnográficas e interdisciplinares, que possam ampliar o entendimento sobre a riqueza e a complexidade das tradições indígenas no Brasil.

**Palavras-chave:** Corpo, Sentidos, Ritualidade.

## 1 INTRODUÇÃO

As práticas culturais dos povos indígenas carregam consigo uma riqueza de significados que transcendem o tempo, o espaço e as limitações da linguagem. Entre os Xerente, um povo de identidade marcadamente enraizado em suas tradições, os rituais são muito mais do que celebrações; Eles são pontes para o invisível, para o intangível que conecta os corpos, os sentidos e o espírito a uma cosmologia única. Este trabalho explora essa dimensão, investigando como o corpo e os sentidos são usados pelos Xerente como ferramentas ancestrais de comunicação em suas práticas rituais, evidenciando a sofisticação simbólica que permeia cada gesto, cada cor, cada som.

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, focada em fontes que iluminam as práticas e os saberes desse povo. A metodologia busca aprofundar a compreensão dos sistemas de significação que emergem nos rituais Xerente, privilegiando a análise dos corpos como tecnologias culturais e dos sentidos como mediadores de uma comunicação que transcende o mundo visível. Em outras palavras, o estudo não se restringe a catalogar práticas ou descrever rituais; ele busca penetrar nas camadas simbólicas e sensoriais que dão forma a essas experiências.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as práticas rituais dos Xerente para compreender como o corpo e os sentidos são utilizados como veículos de comunicação para o invisível, em contextos de celebração, cura e expressão cultural. A proposta também se detém na dimensão performática dessas práticas, tratando o corpo como uma tecnologia ancestral que carrega e transmite saberes. Diante disso, o problema que guia esta pesquisa pode ser sintetizado em uma pergunta central: como os Xerente utilizam o corpo e os sentidos em suas práticas rituais para comunicar significados que não podem ser traduzidos em palavras?

A relevância deste trabalho reside em seu esforço para valorizar, registrar e compreender as práticas culturais dos Xerente em um momento histórico em que a preservação de saberes ancestrais é essencial para a construção de diálogos interculturais. Mais do que isso, ao investigar a dimensão sensorial e performática dos rituais, a pesquisa oferece uma nova perspectiva sobre o corpo e os sentidos como agentes de resistência cultural, de manutenção da identidade e de comunicação invisível. Este estudo, portanto, não apenas contribui para o campo das ciências sociais e antropológicas, mas também lança luz sobre a riqueza e a sofisticação de práticas que aumentam vivas e vibrantes em um mundo cada vez mais desafiado pela homogeneização cultural.

## **2 CORPOREIDADE E SENTIDOS NA RITUALIDADE XERENTE**

A corporeidade na ritualidade Xerente transcende a dimensão física, integrando corpo, gestos e sentidos como mediadores de experiências transcendentais. Em suas práticas rituais, o corpo é compreendido como uma tecnologia ancestral, cuja funcionalidade vai além da materialidade, tornando-se um meio de comunicação invisível e performático. Essa perspectiva sugere que o corpo não é apenas um receptor passivo, mas um veículo ativo para a expressão e transmissão de mensagens simbólicas e espirituais. A centralidade do corpo nos rituais Xerente evidencia sua capacidade de criar significados culturais e conectar os participantes a dimensões cosmológicas, onde o invisível se manifesta por meio da fisicalidade (Melo, 2016).

Os sentidos, especialmente a visão e a audição, são amplificados durante os rituais, desempenhando papéis cruciais na comunicação e no entendimento coletivo das mensagens. A sincronia de gestos, danças e ritualísticos cânticos, muitas vezes acompanhada de ornamentos corporais específicos, constitui uma linguagem própria, onde cada movimento e som possui significados profundos. Esse uso performático do corpo reflete uma cosmovisão que conecta as dimensões humanas, naturais e espirituais, permitindo que os Xerentes acessem conhecimentos e forças ancestrais (Demarchi, 2014).

A noção de corporeidade entre os Xerentes é fundamentada na inter-relação entre o corpo e o meio ambiente. Essa conexão ressoa na escolha dos materiais para adornos rituais e na incorporação de elementos da natureza aos rituais. Os corpos pintados e decorados tornam-se não apenas expressão estética, mas também instrumentos de resistência cultural e reafirmação identitária. Essa prática reflete a relevância dos sentidos na mediação entre o visível e o invisível, uma vez que os ornamentos servem como marcadores visuais de pertencimento e poder espiritual (Maybury-Lewis, 1966).

Os gestos ritualísticos configuram uma forma de tecnologia simbólica que conecta os participantes às esferas espirituais. A repetição rítmica de movimentos durante os rituais evoca estados de comunhão coletiva e facilita o acesso a dimensões transcendentais. Cada gesto carrega uma carga simbólica que transcende a comunicação verbal, representando narrativas mitológicas e ensinamentos ancestrais. Assim, a corporeidade Xerente se destaca como uma ferramenta performática de preservação cultural e transmissão de conhecimento (Melo, 2016).

Os cânticos e danças são partes indispensáveis da tecnologia ancestral, funcionando como dispositivos sensoriais e narrativos. Por meio deles, histórias e ensinamentos são codificados e transmitidos de geração em geração. A musicalidade, associada ao movimento corporal, amplifica a experiência sensorial dos rituais, envolvendo todos os sentidos e criando um ambiente propício para o

contato espiritual. Essa dimensão performática reflete a habilidade dos Xerentes de incorporar os sentidos em um sistema integrado de comunicação (Farias, 1990).

A ritualidade Xerente também explora a percepção olfativa e tátil como formas de acessar dimensões invisíveis. O uso de ervas, óleos e substâncias aromáticas cria um ambiente multisensorial que intensifica a experiência espiritual e conecta os participantes ao universo cosmológico. Esses elementos sensoriais reforçam a integração entre corpo e ambiente, promovendo um estado de equilíbrio e comunhão coletiva (Demarchi, 2014).

A performatividade do corpo nos rituais não é apenas individual, mas coletiva, representando uma forma de "memória corporificada". Os movimentos, sons e expressões corporais são transmitidos de geração em geração, preservando e recriando os conhecimentos ancestrais. Essa transmissão intergeracional transforma o corpo em um arquivo vivo, onde saberes invisíveis são armazenados e compartilhados (Freire, 2000).

Os rituais de cura exemplificam o uso do corpo como tecnologia sensorial, onde o toque e os movimentos específicos são usados para transmitir energias curativas. A interação entre o corpo do xamã e o paciente cria uma dinâmica de troca que transcende a materialidade, simbolizando a conexão entre o humano e o divino. Essa prática demonstra a complexidade da corporeidade Xerente como ferramenta de comunicação e transformação espiritual (Melo, 2016).

Os sentidos são cuidadosamente orquestrados nos rituais Xerentes, sendo utilizados para criar atmosferas específicas que facilitam a conexão espiritual. A iluminação, os sons e os odores configuram um ambiente sensorial único, capaz de transportar os participantes a estados de percepção ampliados. Essa sinestesia ritualística é uma das características mais marcantes das práticas Xerente, destacando a integração entre corpo, sentidos e espiritualidade (Barth, 1995).

O uso do corpo nos rituais Xerente evidencia uma concepção holística de existência, onde o físico e o espiritual se entrelaçam. Essa abordagem permite que o corpo funcione como um meio de expressão cultural e espiritual, transformando os gestos e sentidos em ferramentas de resistência e reafirmação identitária. A ritualidade Xerente, assim, revela o potencial do corpo como um mediador de mensagens invisíveis, fortalecendo os laços comunitários e preservando a memória cultural (Farias, 1990).

## 2.1 COMUNICAÇÃO INVISÍVEL NA TRADIÇÃO XERENTE

Nas práticas rituais, os Xerente utilizam estratégias comunicativas que operam em uma camada de percepção simbólica e espiritual, transcendendo o que é visível e audível. Essa comunicação não se limita à transmissão de informações, mas envolve a criação de experiências sensoriais e emocionais

que conectam os participantes às esferas transcedentes, reafirmando sua relação com a cosmologia e as tradições ancestrais. Assim, gestos, sons e adereços corporais são elementos-chave que dão forma a esse sistema invisível de troca de significados, atuando como códigos culturais que somente podem ser plenamente compreendidos no contexto de suas práticas e emoções (Melo, 2016).

Preto, vermelho e branco são as cores da ornamentação corporal básica entre os Xerente. O preto é conseguido com o carvão pulverizado, misturado ao pau de leite, previamente colocado sobre folha lisa como a da bananeira, por exemplo. O pintor, *Dasisdanãrkwá* apoia a folha sobre a palma da mão e, ali, mistura as tintas. O corpo untado com óleo de babaçu, recebe as grandes listras e os detalhes em preto que lhes são impostos com a ajuda de uma espátula de taquara, de carimbos esculpidos em pedaços de miolo da tora de buriti ou feitos de pequenas pontas de cabaça ou de um talo miúdo da folha do buriti, conforme o padrão desejado (SILVA & FARIAS, 1992 p. 98).

O ato de pintar o corpo não é apenas um processo técnico, mas uma prática de significados sociais e espirituais. O pintor, conhecido como *Dasisdanãrkwá*, assume o papel de mediador cultural, traduzindo os padrões visuais em narrativas que conectam o indivíduo ao coletivo e ao universo espiritual. A escolha dos instrumentos, como a conveniência de taquara, carimbos de buriti e talos de folhas, evidencia uma relação íntima entre técnica e natureza. Esses instrumentos, moldados pelas mãos habilidosas dos artesões Xerente, tornam-se extensões do corpo do pintor, possibilitando a criação de padrões que não apenas adornam, mas comunicam interesses e significados específicos dentro dos rituais (Silva & Farias, 1992).

O óleo de babaçu, utilizado para desembaraçar o corpo antes da aplicação das tintas, desempenha um papel crucial no processo de ornamentação. Além de servir como base para fixar as cores, ele representa uma conexão sensorial e simbólica com a natureza. O brilho proporcionado pelo óleo acentua os contrastes entre o preto, vermelho e branco, transformando o corpo em um meio visual e performático de comunicação. Esse processo demonstra a profundidade de que os Xerente integram elementos naturais em suas práticas culturais, reforçando a ideia de que o corpo ornamentado não é apenas um espaço de expressão individual, mas também um veículo para a manutenção e transmissão de conhecimentos ancestrais (Silva & Farias, 1992).

O preto, aplicado com cuidado e precisão, muitas vezes em grandes listras e detalhes, confere uma dimensão estética poderosa à ornamentação corporal. No entanto, seu significado vai além da aparência visual, simbolizando a escuridão, o mistério e a força invisível. A técnica de aplicação, que utiliza carimbos e carimbos esculpidos, reflete um saber-fazer que combina precisão manual e um profundo entendimento dos significados culturais associados a cada padrão. Essa prática não é apenas um ato artístico, mas também uma performance cultural, onde o pintor e o corpo pintado se tornam agentes ativos na preservação e recriação das tradições Xerente (Silva & Farias, 1992).

**Imagen 1. Encontro Cultural Xerente**



**Fonte:** atitudeto.com.br (2021)

Como mostrado na Imagem 1, os padrões e desenhos corporais, criados a partir dos núcleos básicos, funcionam como um sistema de signos visuais que comunicam identidades individuais e coletivas. Esses padrões variam conforme o contexto ritual, o status social ou a função espiritual do indivíduo, demonstrando a flexibilidade e a riqueza simbólica da ornamentação corporal Xerente. Além disso, o uso de instrumentos naturais para criar esses desenhos reforça a ideia de que a natureza não é apenas uma fonte de recursos, mas também um parceiro ativo nas expressões culturais e espirituais dos Xerente (Silva & Farias, 1992).

O uso de gestos específicos como forma de comunicação invisível é central na ritualidade Xerente. Cada movimento realizado durante os rituais possui uma carga simbólica que comunica narrativas, ensinamentos e interesse espiritual. A repetição desses gestos ao longo do tempo cria uma memória coletiva que reforça a continuidade das práticas culturais. Além disso, os gestos são acompanhados por uma intenção performática que ressoa com a cosmologia Xerente, estabelecendo uma conexão direta entre o corpo humano e as forças invisíveis do universo. Esse aspecto performático transforma o corpo em um instrumento vivo de comunicação, capaz de traduzir mensagens que não podem ser expressas por palavras (Farias, 1990).

A dimensão auditiva também desempenha um papel essencial na comunicação invisível dos Xerente. Os cânticos, filhos de instrumentos e ritmos corporais criam uma atmosfera sonora que estimula estados de consciência alterados, permitindo que os participantes dos rituais acessem

dimensões espirituais e cosmológicas. A musicalidade não é apenas estética, mas funcional, carregando mensagens ocultas que conectam os indivíduos ao seu passado ancestral e às forças invisíveis que regem a existência. Cada nota, pausa e variação tonal carrega significados profundos que são compreendidos intuitivamente pelos membros da comunidade, evidenciando a complexidade do sistema comunicativo Xerente (Demarchi, 2014).

Esses elementos visuais, embora tangíveis, operam em uma dimensão simbólica que transcende a materialidade. As pinturas corporais, feitas com pigmentos naturais, não apenas decoram, mas também narram histórias, evocam forças espirituais e estabelecem identidades dentro do contexto ritual. Da mesma forma, os adornos corporais, como penas, colares e pulseiras, são carregados de significados culturais e espirituais que comunicam status, interesse e mensagens específicas durante os rituais. Esses elementos visuais são percebidos como extensões do corpo, ampliando sua capacidade de transmitir mensagens invisíveis (Maybury-Lewis, 1965).

A comunicação invisível Xerente não se limita aos sentidos humanos, mas também envolve uma interação com elementos da natureza. O vento, o som das folhas, a luz do sol e a escuridão da noite são incorporados às práticas rituais como formas de expressão simbólica e espiritual. Essa relação íntima com o ambiente natural reflete a visão cosmológica dos Xerente, onde o mundo natural é visto como um participante ativo nas dinâmicas rituais. Ao integrar os elementos naturais à sua comunicação, os Xerente demonstram uma profunda compreensão da interconexão entre o humano e o não humano, revelando uma dimensão de comunicação que vai além dos limites do corpo físico (Melo, 2016).

A percepção sensorial é cuidadosamente trabalhada nos rituais Xerente para criar estados de sensibilidade ampliados. A luz do fogo, o cheiro das ervas queimadas e o toque rítmico de instrumentos criam um ambiente multisensorial que facilita uma comunicação invisível. Esse uso estratégico dos sentidos demonstra a sofisticação das práticas ritualísticas, onde cada elemento sensorial é intencionalmente utilizado para evocar sentimentos, memórias e conexões espirituais. Os sentidos, nesse contexto, não são apenas receptores passivos, mas canais ativos de comunicação que permitem a interação com dimensões invisíveis e transcendentes (Demarchi, 2014).

Um aspecto singular da comunicação invisível Xerente é sua dependência de um conhecimento coletivo compartilhado. Esse sistema comunicativo é construído com base em séculos de práticas culturais que foram transmitidas de geração em geração. Cada membro da comunidade aprende a decodificar os gestos, filhos e símbolos invisíveis a partir de sua participação nos rituais e de sua participação na cultura Xerente. Esse aprendizado coletivo transforma a comunicação invisível em

uma experiência comunitária, onde o significado é construído e compartilhado por todos os participantes (Barth, 1995).

A linguagem invisível dos Xerente também tem uma dimensão política e identitária, pois reafirma suas tradições e resistência cultural frente a processos históricos de colonização e aculturação. Os rituais funcionam como espaços de reafirmação identitária, onde a comunicação invisível é usada para resistir à homogeneização cultural e para preservar práticas ancestrais. Ao usar o corpo e os sentidos como ferramentas de comunicação, os Xerente não apenas preservam sua cultura, mas também criam novas formas de expressão que respondem aos desafios contemporâneos, evidenciando a adaptabilidade e a resiliência de suas tradições (Freire, 2000).

Por falar em tradição, a comunicação invisível Xerente reforça os laços sociais e espirituais dentro da comunidade. Durante os rituais, a participação ativa de todos os membros promove uma sensação de unidade e pertencimento. Os gestos, filhos e símbolos compartilhados criam uma rede de significados que conecta cada indivíduo à comunidade e à sua herança ancestral. Essa conexão é especialmente importante em momentos de crise ou transformação, quando os rituais se tornam um espaço de reafirmação das relações sociais e das bases culturais da comunidade (Melo, 2016).

Entende-se então, que a comunicação invisível na tradição Xerente é uma expressão sofisticada de sua cosmologia, espiritualidade e identidade cultural. Por que, por meio do uso do corpo, dos sentidos e da natureza, os Xerente criam um sistema comunicativo que transcende as limitações da linguagem verbal, evidenciando a complexidade e a profundidade de suas práticas culturais. Este sistema não apenas preserva tradições ancestrais, mas também oferece um modelo de comunicação que enfatiza a interconexão entre o visível e o invisível, entre o humano e o espiritual, reafirmando a riqueza e a relevância das tradições Xerente no mundo contemporâneo (Demarchi, 2014).

### **3 SABERES SENSORIAIS E PRÁTICAS CERIMONIAIS**

Nas cerimônias, os sentidos não atuam isoladamente, mas de maneira integrada, formando um sistema complexo de comunicação e significação que transcende o visível e o verbal. Essa integração é manifesta em práticas que combinam elementos táteis, auditivos, visuais e olfativos, os quais permitem que os participantes acessem dimensões cosmológicas e reforcem os laços comunitários e ancestrais (Melo, 2016).

O tato desempenha um papel essencial nos rituais Xerentes, seja no preparo do corpo com óleos e pinturas, seja na manipulação de objetos sagrados e adornos ceremoniais. A aplicação do óleo de babaçu, por exemplo, não cria apenas uma base para a pintura corporal, mas também estabelece um vínculo físico e simbólico com o território e seus recursos naturais. A textura do óleo, associada aos

gestos cuidadosos do pintor e ao contato com os instrumentos, traduz a materialidade em significados espirituais, onde o toque comunica cuidado, proteção e pertencimento. Essa prática reflete o modo como o sensorial está entrelaçado ao ritual, funcionando como um canal de transmissão de saberes invisíveis (Silva & Farias, 1992).

A dimensão auditiva é igualmente essencial, especialmente por meio dos cânticos e instrumentos musicais, que criam uma atmosfera imersiva durante as audiências. Os filhos, cuidadosamente orquestrados, são percebidos não apenas como música, mas como narrativas sensoriais que invocam forças espirituais e reforçam ensinamentos ancestrais. O ritmo repetitivo dos tambores e maracás, por exemplo, conduz os participantes a estados de consciência ampliados, permitindo-lhes experimentar conexões profundas com a cosmologia Xerente. Cada nota ou batida é carregada de significado, funcionando como uma tecnologia sensorial que traduz o invisível em experiência compartilhada (Demarchi, 2014).

No aspecto visual, a ornamentação corporal ocupa um lugar de destaque, funcionando como uma linguagem simbólica que comunica status, interesse e significados cosmológicos. As cores preto, vermelho e branco, combinadas com os padrões geométricos e figuras estilizadas, criam narrativas visuais que são decodificadas pelos participantes do ritual. Esse conhecimento visual não é adquirido de forma abstrata, mas por meio da prática e da observação direta nos contextos ceremoniais. Assim, o saber visual é ao mesmo tempo sensorial e cultural, construído coletivamente e transmitido intergeracionalmente (Maybury-Lewis, 1965).

Os cheiros também desempenham uma função crítica nos saberes sensoriais Xerente. O aroma das ervas queimadas, das resinas naturais e dos óleos usados durante os rituais cria um ambiente multisensorial que evoca memórias e sensações específicas, conectando os participantes às dimensões espirituais. Esses elementos olfativos não são escolhidos aleatoriamente, mas de acordo com seus significados e propriedades simbólicas. O uso de determinadas plantas aromáticas, por exemplo, está associado a processos de purificação, proteção e cura, reforçando a dimensão espiritual das práticas ceremoniais (Melo, 2016).

O papel do corpo como mediador sensorial e espiritual é central nas práticas ceremoniais Xerentes. Cada gesto, postura e movimento realizado durante os rituais carrega um significado simbólico que transcende a fisicalidade. A performatividade do corpo se torna uma ferramenta para acessar dimensões invisíveis, onde os sentidos atuam como portais para o transcendente. Essa abordagem evidencia uma concepção holística de corporeidade, onde o físico, o sensorial e o espiritual estão profundamente interligados e funcionam como um sistema integrado de comunicação e expressão (Farias, 1990).

Além disso, as práticas ceremoniais do Xerente são marcadas por uma dimensão coletiva, onde os saberes sensoriais são experienciados e reforçados em grupo. Os rituais não apenas celebram os ciclos da vida, mas também funcionam como espaços de aprendizado sensorial, onde as gerações mais velhas reúnem seus conhecimentos com os mais jovens. Essa transmissão de saberes ocorre por meio da vivência prática, onde os sentidos são treinados e calibrados para perceber e interpretar as nuances simbólicas dos rituais. Assim, os saberes sensoriais não são apenas individuos, mas coletivos, reforçando a coesão social e a continuidade cultural (Barth, 1995).

A integração dos sentidos nas práticas ceremoniais também reflete a cosmologia Xerente, que concebe o mundo como um sistema interconectado onde todos os elementos – humanos, espirituais e naturais – estão em constante relação. Essa visão cosmológica é expressa de maneira sensorial nos rituais, onde a natureza e seus elementos, como o vento, o fogo e a água, são incorporados como participantes ativos. Essa relação sensorial com o meio ambiente reforça a percepção dos Xerente de que o mundo visível é apenas uma camada de uma realidade mais ampla, que pode ser acessada por meio dos rituais e dos sentidos (Melo, 2016).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao examinar a ritualidade como um campo de comunicação invisível, observe-se que o corpo não é apenas uma ferramenta passiva, mas uma “tecnologia ancestral” dotada de múltiplas camadas simbólicas. Essa perspectiva ressignifica o entendimento tradicional de práticas corporais, posicionando-as como mediadoras entre o visível e o invisível, entre o humano e o cosmológico.

Os dados encontrados demonstram que os padrões de ornamentação corporal, aliados aos gestos e movimentos ritualísticos, formam um sistema integrado de transmissão de saberes. O uso de cores como preto, e branco – obtido por processos artesanais minuciosos – não apenas reforça a dimensão estética das práticas, mas também comunica narrativas vermelhas ancestrais e demarca identidades sociais e espirituais. Esse achado reflete uma dinâmica de preservação cultural que é continuamente recriada por meio das práticas rituais, evidenciando a sofisticação dos sistemas de significação Xerente (Silva & Farias, 1992).

A discussão aponta ainda para a centralidade dos sentidos nas práticas rituais, um aspecto frequentemente negligenciado em estudos antropológicos. Uma pesquisa evidenciou que os Xerente não utilizam apenas os sentidos como canais de percepção, mas os transformam em ferramentas ativas de comunicação. O som dos cânticos e dos instrumentos, a textura das pinturas corporais, os aromas das ervas queimadas e os padrões visuais criados pelos ornamentos corporais se unem em uma experiência sensorial imersiva. Essa integração sensorial revela um sistema cultural em que os sentidos

são amplificados e ressignificados, permitindo que os participantes acessem dimensões cosmológicas e espirituais (Demarchi, 2014).

Durante as cerimônias, os mais jovens aprendem não apenas as técnicas de ornamentação e os gestos ritualísticos, mas também os significados simbólicos e espirituais associados a essas práticas. Esse processo de aprendizagem sensorial, realizado por meio da prática, reforça a coesão social e garante a continuidade das tradições Xerente. Os dados apontam que essa transmissão ocorre de maneira performática, onde o corpo e os sentidos dos participantes se tornam os próprios “arquivos” de memória cultural (Barth, 1995).

As análises também destacaram a interação íntima entre os Xerente e o meio ambiente como parte essencial de suas práticas ceremoniais. Os elementos naturais, como o óleo de babaçu, o carvão, e as resinas aromáticas, são mais do que recursos materiais: eles carregam significados simbólicos que conectam os participantes às forças da natureza e à cosmologia. Essa integração entre cultura e ambiente reforça a percepção dos Xerente de que o mundo natural é um participante ativo em seus sistemas de comunicação invisível, demonstrando um equilíbrio sofisticado entre humano e não humano (Melo, 2016).

Ao discutir os resultados, um tema emergente foi o papel político e identitário das práticas rituais. Em um contexto de pressão externa, os rituais se mostraram não apenas como espaços de celebração espiritual, mas também como ferramentas de resistência cultural. As práticas corporais e sensoriais, ao reafirmarem identidades e tradições, tornam-se uma forma de resposta à homogeneização cultural imposta por processos históricos de colonização. Esse dado evidencia que os rituais Xerente possuem uma dupla função: enquanto conectam os participantes às suas cosmologias, eles também servem como plataformas para a reafirmação de sua soberania cultural e espiritual (Freire, 2000).

A análise dos resultados revelou também a dimensão comunitária das práticas ceremoniais. Os rituais são momentos de fortalecimento coletivo, onde os laços sociais são reafirmados e a memória cultural é celebrada. O caráter coletivo dessas práticas cria um senso de pertencimento e continuidade, ao mesmo tempo em que permite que os indivíduos expressem suas identidades dentro de um contexto comunitário. Essa dualidade – individual e coletiva – reflete a complexidade dos sistemas culturais Xerente, onde cada participante é ao mesmo tempo parte de um todo e portador de significados específicos (Demarchi, 2014).

Esta abordagem, baseada na valorização da experiência sensorial integrada, apresenta implicações significativas para a compreensão da relação entre tradição e modernidade, bem como para os esforços de preservação cultural em contextos indígenas (Melo, 2016).

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou compreender as práticas rituais dos Xerente, com ênfase no uso do corpo e dos sentidos como ferramentas simbólicas e performáticas de comunicação invisível. O estudo revelou que os rituais não são apenas momentos de celebração ou introspecção espiritual, mas espaços nos quais identidades são reforçadas, saberes ancestrais são transmitidos e a conexão com dimensões cosmológicas é mantida. A partir da pergunta que guiou a investigação – como os Xerente utilizam corpo e sentidos para transmitir significados que escapam à linguagem verbal? – conclui-se que os Xerente possuem um sistema de comunicação sofisticado, integrado e profundamente conectado à sua cosmologia. O corpo não é apenas uma entidade física; ele atua como tecnologia cultural, capaz de traduzir e perpetuar os saberes de sua tradição.

Os resultados deste trabalho também oferecem uma contribuição relevante tanto para a sociedade quanto para a academia. Para a sociedade, eles promovem um olhar mais sensível e respeitoso sobre as práticas culturais indígenas, reforçando a importância de preservar esses patrimônios imateriais em tempos de profundas transformações culturais e sociais. Para a academia, o estudo traz novas perspectivas sobre a relação entre corporeidade, sentidos e práticas rituais, oferecendo um campo fértil para futuras investigações em antropologia, sociologia, estudos culturais e outros campos do conhecimento.

### 5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Apesar de suas contribuições, esta pesquisa apresenta algumas limitações que devem ser reconhecidas. Primeiramente, a metodologia bibliográfica, embora rica em detalhes e reflexões teóricas, carece de uma consulta direta no contexto vivencial dos rituais Xerente, o que poderia ter ampliado a profundidade das análises.

Ademais, o foco na dimensão performática e sensorial, embora central ao objetivo deste trabalho, deixou de explorar outros aspectos igualmente significativos, como a relação intergeracional e as possíveis transformações das práticas rituais diante da modernidade. Essas limitações, no entanto, não diminuem a relevância das descobertas, mas indicam caminhos para aprofundar a compreensão do tema em futuros estudos.

### 5.2 RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Com base nas descobertas e nas limitações apontadas, recomenda-se que futuros estudos incorporem abordagens etnográficas mais aprofundadas, permitindo uma observação direta das práticas rituais em seu contexto vivo. Essa abordagem poderia revelar nuances adicionais sobre a

interação entre corpo, sentidos e cosmologia nas práticas Xerente. Além disso, investigações comparativas com outros grupos indígenas puderam trazer novas perspectivas sobre os elementos comuns e específicos das práticas corporais e sensoriais em diferentes contextos culturais.

Em concluindo, os resultados aqui apresentados são um ponto de partida para um campo de estudos que permanece aberto e repleto de possibilidades. A riqueza das práticas rituais Xerente e a profundidade de seus saberes sensoriais evidenciam a necessidade de continuar explorando esses temas, tanto para preservar tradições ancestrais quanto para expandir o entendimento das interconexões entre corpo, cultura e espiritualidade.

## REFERÊNCIAS

ATITUDETO. Primeiro Encontro Cultural Xerente, adaptado ao novo normal, valoriza tradições e incentiva respeito aos povos originários. 2021. Disponível em: <https://atitudeto.com.br/entretenimento/primeiro-encontro-cultural-xerente-adaptado-ao-novo-normal-valoriza-tradicoes-e-incentiva-respeito-aos-povos-originarios/>

BARTH, Frederick. Etnicidade e o conceito de cultura. In: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. N. 1. Niterói: EdUFF, 1995.

DEMARCHI, André Luis Campanha. Kukràdjà Nhipêjx / Fazendo Cultura- Beleza, Ritual e Políticas da visualidade entre os Mebêngôkre-Kayapó. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em <[https://issuu.com/andredemarchi/docs/kukradja\\_nhipejx-fazendo\\_cultura](https://issuu.com/andredemarchi/docs/kukradja_nhipejx-fazendo_cultura)>

FARIAS, A. 1990 Fluxos sociais Xerente. Organização social e dinâmica das relações entre aldeias. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, mimeo.

FLICK, U. Qualitative Forschung: Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaften. [Pesquisa qualitativa: teoria, métodos, aplicação na psicologia e nas ciências sociais] Reinbek: Rowohlt. 1995.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco Idéias equivocadas sobre os índios. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01 – Setembro, 2000. P.17-33. Manaus – Amazonas.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAYBURY-LEWIS, D. 1965 "Some crucial distinctions in Central Brazilian ethnology". In Anthropos.

MAYBURY-LEWIS, D. 1966 "On Martius distinctions between Shavante and Sherente". In Revista do Museu Paulista, 26.

MELO, Valéria M. C. O movimento do mundo : Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akw-Xerente. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5519>>.

OLIVEIRA JUNIOR, Elvio Juanito Marques de. @Kwe-Xerente: A Ressignificação das Tradições Culturais e o Protagonismo Indígena no Facebook / Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior – Palmas, TO, 2018. f. 130.

RÜDIGER, Francisco. Cultura e Cibercultura: princípios para uma reflexão crítica Culture and Cybersculture: principles for a critical reflection. In O Estatuto da Cibercultura no Brasil, Vol. 34, Nº01, 2011.

SILVA, Reijane Pinheiro. O índio negado e o índio desejado: a “pacificação” dos indígenas na construção da identidade do Tocantins. Campo Grande-MS: Tellus, ano 10, n. 19, p.145-162, 2010.

THE SHERENTE. 1942. Los Angeles, Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, vol. IV.

VIDAL, Lux. 1977 Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira. Hucitec.

VIDAL, Lux. Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética. São Paulo: Nobel / EDUSP, 1992.